

SEM HOMOGENEIDADE

Crescimento desigual não permite falar de recessão

“Alguns setores terão desempenho melhor do que outros”, diz Odair Abate, do Lloyds. “As vendas do setor de informática e linha branca continuam crescendo, mas as de automóveis estão em queda.” Também Flávio Nolasco, da Brasilpar, destaca que o resultado será muito heterogêneo conforme o setor e, principalmente a empresa. “O aperto do crédito pegou cada empresa numa situação de estoque e endividamento diferentes”, diz ele. É essa falta de homogeneidade no desempenho de cada setor, na avaliação de entidades como a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), que não permite falar em recessão.

Mesmo com alguns setores contabilizando bons resultados, Nolasco prevê, contudo, que o último trimestre terá queda em torno de 6% nos índices de produção e no PIB industrial, em comparação ao crescimento de 9,3% do primeiro semestre. O mais relevante, segundo ele, é que a redução nas vendas deverá ser acompanhada de um desemprego maior. “O governo está fazendo recessão para equilibrar a balança comercial sem precisar mexer no câmbio”, diz. “Mas quando faz isso, exige um ganho de produtividade grande, que provoca mais desemprego.”

No primeiro semestre, a taxa

geral de emprego, segundo o IBGE, cresceu 1%, mas no segundo semestre esse ganho deve ser devolvido e, ao longo do processo, até começará a perder, segundo o economista da Brasilpar. “A taxa de desemprego estrutural de 4,5% pode chegar a 5% e até 5,5%.”

O equilíbrio da balança comercial pode ser obtido no segundo semestre — o Lloyds Bank e a Rosenberg prevêem até um superávit de US\$ 1,5 bilhão no período —, mas no acumulado do ano o déficit deve se situar em US\$ 3 bilhões, podendo chegar até a US\$ 4 bilhões. Na avaliação da Rosenberg & Associados, a balança comercial pode ter um superávit de US\$ 1,5 bilhão no semestre, reduzindo o déficit deste ano para US\$ 2 bilhões.

A necessidade de manter o real valorizado, para obter o equilíbrio comercial, deverá impedir um crescimento maior da atividade econômica inclusive no próximo ano, segundo Guedes Filho, da MCM. “Preveremos um crescimento quase vegetativo da atividade econômica durante 96”, diz ele. “Se o primeiro semestre de 96 crescer algo como zero ou 1%, será um resultado muito bom, porque ainda será superior ao mesmo período deste ano, que foi forte”, diz Odair Abate. Para 96, a expectativa é que o PIB crescerá de 2% a 3%. (G.P.)